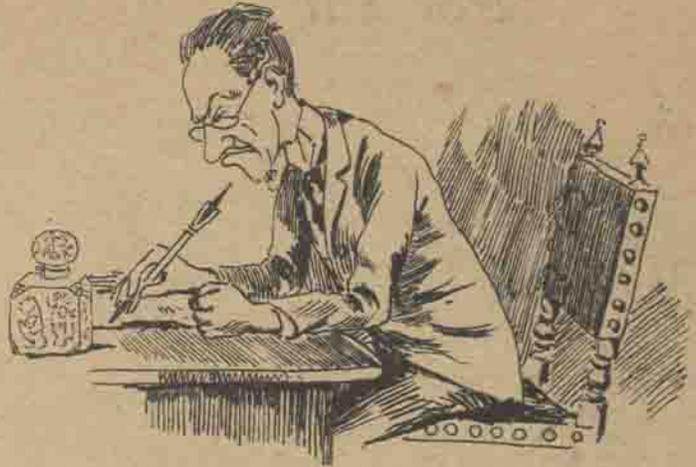


A GESTAÇÃO D'UM DESENHO



— Ora vamos nos a trabalhar um bocadinho! A veia chega. E' aproveitar...



— Chega ou não chega? Diabo! Elle faz um calor...



— Decididamente estou burro. Quem me dera agora uma cervejinha!



— E a veia, nada! E o jornal que ha de sair, por força, amanhã. Diz o dictado que a cervejinha só é boa, quando bebida na cervejaria.



— Que mal disposto que eu estou! Que aborrecido! E na cervejaria faz um fresco!



— Arranjarei á volta, talvez que uma paguinha pittoresca. Com este calor, nem as ideias vem, nem tão pouco appeteceria trabalhar.



Voz da consciencia. — Se vaes á cervejaria, ficas lá. Deixa-te portanto ficar em casa. Camões, antes d'escrever os cantos dos Luçadas, nunca cahiu em beber cerveja. Põe-te á carteira, trabalha...



— Trabalhe o diabo! E cá vai uma pessoa á cervejinha...

Augusto Boidallo Pinho

Por ahí...



Semelhante ao privilegio que a bolsa dos accionistas dos Recreios disfructa no seio das emprezas theatraes, está sendo a regalia que a rhetorica parlamentar tem ultimamente disfructado no seio da representação nacional.

O accionista dos Recreios tinha ha um par de annos empolgado o exclusivo que primitivamente gosaram nos espe-

ctaculos publicos as crianças até dez annos e os militares sem graduação.

Coube agora ao parlamento a vez de empolgar ao accionista dos Recreios o que elle havia empolgado aos outros.

Temos pois as sessões parlamentares a meio preço de rhetorica — que tanto monta funcionar apenas a camara alta, enquanto a sua baixa collega começou já de entregar-se aos prazeres da villegiatura, com o ordenado por inteiro.



O nosso coração, de creatura dada á boa paz, não póde deixar de regosijar-se profundamente com esta solução final da camara dos deputados, a qual camara, tendo passado o melhor d'uma longa sessão legislativa, com prorogações e tudo, n'um interminavel dize tu direi eu, chega enfim ao amigavel accordo de ir para casa dormir a sésta, o que vem a dizer que, se não accordou nunca em materia de politica, sempre afinal conseguiu accordar — para dormir.



Para nós é ponto de fé que esse somno repentino da camara dos deputados teve causa determinante na audição do novo codigo do sr. Beirão, audição que, salva a diversidade do assumpto, deve em todos os mais barbicachos jogar parellas com a celebre sessão de leitura dos *Portuguezes de 1640*.

Não sabemos explicar porque, mas tamos jurar que existe como que uma especie de cordão umbilical que liga muito apertados, tornando-os moralmente gemeos, o nariz do senhor Beirão, ministro da justiça, e os oculos do sr. Miguel Osorio, juiz do supremo tribunal da mesma justiça.

Ora reparem nos oculos de um e no nariz do outro; reparem sobretudo na argamaça do codigo Beirão e no betume do drama Miguel Osorio e digam-nos depois se não parecem ambos concebidos no mesmo ventre e gerados da mesma cal e arcia!



E assim fica explicado o somno da camara dos deputados.

Lerem-lhe o codigo Beirão foi o mesmo que se lhe lessem o drama Miguel Osorio.

Provavelmente o sr. ministro da justiça contava com isso mesmo para a approvação do seu codigo.

Terminada a leitura, quando a camara já resonasse de assobio, o presidente faria votar o codigo pronunciando as palavras sacramentaes:

—Os senhores deputados que approvam, queiram ter a bondade de se deixar ficar sentados.

—E' claro que todos ficavam não só sentados como até deitados, dormindo a bom dormir; e d'ahi o codigo approvado por aclamação — com acompanhamento de trombone.

Sucedeu porém que o proprio presidente, que fora o primeiro a pegar no codigo, foi tambem o primeiro a pegar no somno, de sorte que o codigo não teve sorte de ser votado.

Mas o sr. Beirão não se desconcertou com isso. Elle fizera questão ministerial unicamente para que o codigo fosse apresentado ao parlamento: lá que o parlamento o votasse ou não, isso pouco se lhe dava.

Mal comparado, s. ex.ª andou no assumpto como aquellas mundanas que pretendem as relações das senhoras serias mas que se contentam em lhes ser apresentadas no meio da rua, preseindindo de lá pôr os pés em casa.





Dois casos de prisões, pelos quaes se mostra que os presos é que deviam andar á solta e quem os prendeu devêra estar em ferros d'el-rei :

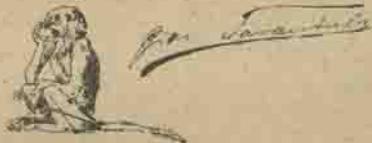
Um, passou-se ha dias no largo de S. Domingos; a policia prendeu um sujeito que por ahi andava passeando em trajo muito mais fresco de que o proprio Adão no Paraíso, visto que nem a pudica parra trazia a resguardar-lhe uma nesga do corpinho.

Uma vez preso, mandaram o homem para Rilhafoles, com um attestado de doido, passado pelo delegado de saude.

Doido! doido por mostrar o são criterio de adoptar a unica *toilette* consoante as exigencias da estação calmosa!

A outra prisão foi d'um pequeno de quatro annos, que atirára uma pedra a uma mulher que passava.

Se o juiz da Boa Hora se chamasse Salomão, em vez de se chamar Firmino João Lopes, mandaria soltar o pequeno, que atirou a pedra por a encontrar solta, e faria com que se prendesse a camara municipal, que é a unica culpada de andarem pedras soltas nas ruas onde deviam achar-se presas.



De raspão...



A officialidade de cavallaria 4, offereceu um jantar de honra ao sr. coronel Antonio Queiroz, na sala grande do *Universal*. Mesa magnifica, e por suggestão dos promotores da festa, *menu* lardeado de reminiscencias guerreiras. Havia por exemplo na secção dos legumes, esta inaudita coisa — *asperges verts sauce grands vainqueurs*. Ou, traduzindo... — espargos com molho aos grandes vencedores.

Já não reparariamos que os srs. militares de cavallaria 4, em questões de paparoca, aliassem a ideia do espargo, á ideia de Napoleão 1, conhecida a inteira juvenildade é *entraim* com que elles, em casinos de praias, sabem casar com a bravura, por exemplo, a valsa pulada.

Mas aquelle molho á grande vencedor... Esquisito molho!

Está-nos a lembrar o que uma vez, um velho official experimentado nas guerras liberacs, nos contou relativamente á bravura do duque da Terceira.

— Commandante magnifico! E que valente! dizia-me o homem. Elle direito na sella, a voz troante, os olhos em faisca... Apenas rompia o fogo, era um fodor que se não podia estar ao pé d'elle.

— Talvez da *sauce grands vainqueurs*, senhores officacs.



Por transcripções de jornaes se sabe que na exposiçãõ de Paris, a Torre Eiffel, se por um lado é um para-raios maravilhoso, a proteger das commoções electricas todo o recinto do certamen, compromette por outro a integridade cerebral dos visitantes, constituindo-os n'uma eminencia d'ascnira, a que nenhum resiste, do segundo andar para cima, té á lanterna zimborial do monumento. Entre as linguas europeas que mais copia de dislates tem fornecido ao album da torre, figura a nossa; e observa-se com jubilo, que os annuncios do *Diario de Noticias* se corrigem e fazem mais sobrios e discretos, á medida que a parvoice dos nossos compatriotas lá em Paris repuxa, em vamiços d'admiração, da torre abaixo.

Apesar das calinadas, porém, cumpre dizer tambem que os nossos compatriocios arrancam ás vezes de si, conceitos profundos, a estatrecer d'assombro o espirito mais precavido.

Por exemplo, um regenerador do districto de Coimbra, a 120 metros do solo:

— A torre Eiffel é Arganil... sem Oliveira Mattos. Na cupula, Melicio, com ar sonhador:

— Torre Eiffel! Torre Eiffel! a tua corpulencia recorda-me a craveira intellectual d'uma pessoa... Hum! Hum!... de que por modestia occultarei o nome.



A actriz Amelia da Silveira, estendendo o braço sobre Paris, do varandim do ultimo pavimento:

— Sarah Bernhardt, minha idiota, fosse o portuguez tão universal como a lingua de trapos que tu fallas, e nós veriamos quem era a grande tragica d'estes tempos!

UMA CAMARA DEVE ESTAR ABERTA,
OU FECHADA?



—No começo, tudo era descomprom o governo por elle vir tarde:
pois aguentem-se agora! Tantas insolencias tem dito, que não ha reme-
dio senão dar-lhe com a... prorrogação.

Carlos Borges, antes de subir:
— Pois vou traduzir isto para o Gymnasio.
Gervasio Lobato, batendo-lhe no hombro:
— Deixa-me fazer-lhe primeiro algumas modificações.



No burean do Figaro da Torre, o capitão Machado, distribuindo apertos de mão:

— *Je viens offrir à votre très lu journal, mon frack prêttime...*

Um redactor:

— *Etes vous tailleur, mon enfant?*

— *Je suiscrivain, capitain, e correspondent de tous les journaux de province. A Peniche, on rafole de moi...*

Cecilio de Sousa, acororado no vertice da cupula:

— Façam n'esta altura um water-closet, e ponham-me lá em baixo a monarchia!



Jayme Victor, fechando o carnet d'apontamentos, depois de descer:

— Lindo romance, em 17 volumes, eu faria d'isto, para o Brazil! Vou já fallar ao Corazzi.

Alberto d'Oliveira, apertando as ventas um momento, fungando no ar, e com um gesto de dedos, em S gothico:

— Dá... isto dá...

D. Thomaz de Mello, em desabado, e fazendo ao guarda a continencia militar:

— Oh amiguinho, deixa pôr na Torrinha, um cartazinho, illustradinho?

Sousa Monteiro, pequenino, oculos de padre, no elevador do segundo pavimento:

— A exposição é uma leria. Não ha aqui ninguem nue falle o portuguez do tempo de D. Manoel.

João Costa, casaca por debaixo do par-dessus:
— ... uste o e ustar, onfesse-se, aramba! e a torre Eiffel é oiza olossal!...



Ramalho Ortigão:

— Depois dos Jeronymos, etc., etc.



José Julio Rodrigues, attitude oratoria:



— As artes liberaes, meus senhores, são o incremento... a exposição é o grande certamen opiparo de todos os povos estreitados na paz... e a nossa decadencia intellectual e moral trouxe de si, que Antonio Augusto de Aguiar não fez senão asneiras—d'onde se conclue que devemos intentar em grande escala, a cultura da beterraba. (Ovação).



Uma senhora de Guimarães, aborrecida das infidelidades do marido, acaba de pedir ao arcebispo licença, para se recolher n'um convento de Braga. Um cavalleiro de Lisboa, aborrecido das infidelidades da mulher, acaba de sollicitar o auxilio da policia, para lhe constatar o adulterio em flagrante, n'uma especie de *cutê* da Rua da Prata.

Estamos todos os dias a advogar em theoria, a igualdade entre os dois sexos, e a sua reciprocidade de direitos, deveres e responsabilidades, perante a consciencia social, arbitro de todas estas grandes questões. Mas em quanto esta egualdade se faz na lei moral, cada vez mais os costumes desnivelam o homem da mulher, a ponto d'ella se fazer freira quando o marido prevarica, e d'elle se fazer... quando a mulher vae trabalhar aos dias, no paraizo. Nos arbitros mesmo, escolhidos para a constatação da pendencia entre os dois conjuges, resalta escandalosamente a parcialidade. Porque é que no caso da mulher, é o arcebispo quem decide, e no caso do marido, a policia?

Por ventura não teria sido mais coherente, mais pro-ducente, e mais catholico, convidar o sr. arcebispo de Braga para, revestido e de mitra, vir vestoriar tambem o adulterio da Rua da Prata, já que foi elle o procurado, quando em Guimarães se tractou de fazer entrar a esposa trahida, n'um convento?

De mais, rezam os jornaes que o marido de Lisboa, ao descer a escada do *cutê*, cercado d'agentes, e entre a esposa e o amante, fóra estrondosamente apupado pelo povo; ao passo que em Guimarães, a dama é applaudida com phrenesi por gregos e troianos... De maneira que o chifre n'elle é coisa ridicula, e o chifre n'ella, coisa edificante! — Extranha theoria, em preito á qual pedimos para pendurar a opiniao publica, que a fomenta, nos galhos d'um authentico boi desembo-lado — enquanto os legistas não promulgam de vez aquella sentença do sabio, que parodiando Cavour queria... o galho livre, no adulterio livre, apre!



IRKAN

A MONTES

(COLYSEU)



Tão gentil, a hespanholita, e tão empenhada em captivar os corações portuguezitos, que por harmonisar-se ao nosso deseju do ultimo numero, que a pintava horrorosa, resolveu fazer da Paloma do *Barberillo* pouco mais ou menos o que nós fizemos da sua figurinha encantadora. Não lhe quizeramos mal por este capricho: e saudemos n'esta captivante artista, uma das mais desinvoltas cantoras de zarzuela que teem vindo a Lisboa. E viva a Montes!



AS ESCURAS DE TODO



M. Bordallo Pinheiro

O' catitinha! vamo-nos fundir ?